

Rezar no Coração

Do catálogo da EDITORIAL AO:

A Arte do Essencial – *Propostas para uma vida de oração*

Dário Pedroso, S.J.

A Oração de Jesus – *Caminho para a intimidade com Deus*

Por um Monge da Cartuxa *Scala Caeli*

B. a. - Ba da Oração

Frédéric Fornos

Começa Assim a tua Oração

Elias Couto

Farmácia Espiritual – *Para todos os casos*

Anselm Grün

Tomáš Špidlík

Rezar no Coração

Iniciação à oração



EDITORIAL A.O.

Título original

Pregare nel cuore

© Lipa Edizioni – Roma

ISBN 88-86517-23-8

Tradução

Rui Pedro Vasconcelos

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Tipoprado, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº

442783/18

ISBN

978-972-39-0850-3

Junho de 2018

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

«Orai sem cessar»

(1 Ts 5, 17)

A NECESSIDADE DA ORAÇÃO

Por que se deve rezar?

O rouxinol canta porque assim foi formado, porque cantar pertence à sua natureza. Evágrio, um autor cristão do século IV (morreu no ano 399), escreve que é próprio da mente humana rezar, porque é conforme à sua natureza dedicar-se ao que é mais belo, isto é, a Deus. Os Padres da Igreja descrevem com muitíssimas metáforas a necessidade da oração. São João Crisóstomo escreve que a oração é para o cristão aquilo que a muralha é para a cidade, a espada para o soldado, o porto na tempestade, a bengala para aqueles que coxeiam. E se no Paraíso todas as coisas cresciam graças à fonte abundante de água, na vida espiritual a fonte que irriga e faz crescer todas as virtudes é precisamente a oração.

Santo Agostinho diz que a necessidade de rezar existe por causa da nossa debi-

lidade, como consequência do pecado: somos tão débeis que por nós próprios nada podemos fazer. Os autores orientais insistem mais noutra aspeto: caso existíssemos sem pecado, rezaríamos ainda mais.

Teófanos, o Recluso, um autor russo (morreu em 1894), escreve que o ser humano é formado por três partes: o corpo, a alma e o Espírito Santo. Cada uma tem as suas necessidades e a sua maneira de as viver: o corpo move-se, nutre-se, respira; a alma pensa, decide, sente; o Espírito Santo reza. A oração pode chamar-se, assim, de respiração do Espírito. A oração é como o barómetro que assinala o nível da vida espiritual.

Na nossa vida, há momentos nos quais sentimos necessidade de rezar e momentos nos quais devemos esforçar-nos para o fazer. Porquê estas diferenças?

Se contemplamos a história narrada no Antigo Testamento, vemos que já

A necessidade da oração

os Israelitas se voltavam para o Senhor quando eram oprimidos pelos inimigos, enquanto que nos períodos de prosperidade se esqueciam do Senhor. Os perigos e as calamidades impelem-nos a buscar a ajuda do Alto. Os marinheiros dos tempos antigos diziam: «Vá ao mar quem não sabe rezar!». O mesmo vale também para as tormentas da vida.

Então, por que há tantas pessoas que não rezam em momento algum? E se uma pessoa não reza, poderá salvar-se?

Quem sabe se não rezam... O problema consiste em considerar a oração apenas como a recitação de algumas fórmulas predeterminadas. Mas o significado da oração é muito mais amplo. Há muitos que não elevam a sua voz a Deus, mas que talvez rezem mais com a sua vida. São aqueles que desejam o bem para todos e praticam boas obras.

Como convencer alguém da necessidade de rezar?

Talvez não seja benéfico iniciar o diálogo com o tema da oração. Exortemos antes a fazer o bem onde se puder, na família, junto dos que têm necessidade... A própria pessoa, antes ou depois, dar-se-á conta de que sem o auxílio de Deus uma obra humana arrisca-se a ser vã. Então sentirá a necessidade de pedir o auxílio do Alto.

O que é, então, a oração? Como se pode definir?

A vida vive-se, não se define. Procura-se apenas, de certo modo, descrevê-la nos seus variados aspetos. Do mesmo modo para a oração. A oração é uma função vital do ser humano. Não nos surpreende, pois, encontrar, nos escritos dos Padres, definições tão variadas que nada mais fazem do que descrever aspetos particulares da oração.

A necessidade da oração

Entre estas definições, três são as mais recorrentes:

- 1) A oração é o «pedido a Deus dos bens convenientes» (São Basílio);
- 2) É a elevação do espírito para Deus (Evágrio);
- 3) É o colóquio da alma com Deus (Evágrio).

João Damasceno une a primeira e a segunda definições: a oração é a elevação do espírito para Deus, ou seja, o pedir a Deus os bens convenientes, uma fórmula que foi depois retomada por muitos autores.

Os cristãos são os únicos a rezar?

Todas as religiões consideram a oração, antes de mais, como um pedido de auxílio dirigido a Deus. As invocações – Senhor, escuta-nos, atende-nos, olha-nos com benignidade, etc. – são antiquíssimas. Também a Bíblia testemunha tal orientação fundamental do ser humano para Deus. E isto supõe, quase sempre,

uma conceção antropomórfica de Deus: que Deus escute, que preste atenção, que tenha compaixão, que se comova, etc.

A filosofia grega purificou a ideia de Deus, apresentando-O como uma ideia do bem e do belo e como fundamento da ordem. O sábio, que O conhece, não procura submeter a vontade de Deus ao seu próprio serviço, mas procura, pelo contrário, contemplar a sua perfeição suprema, «eivar a mente para Deus». Assim consideravam a oração grandes filósofos como Platão, Aristóteles, Marco Aurélio...

Evágrio inseriu as suas definições no contexto cristão, consciente, no entanto, de que o Deus dos cristãos, para além do ser perfeito, é também Pai. Por isso, Evágrio acrescentou à definição filosófica («eivação da mente») o elemento ao qual os cristãos não podem renunciar: a oração é «colóquio com Deus». O Deus bíblico, de facto, não é objeto de reflexão filosófica. O Deus bíblico é

A necessidade da oração

especial, porque é Ele quem toma a iniciativa da palavra, é Ele quem busca o ser humano que escapa. Se as expressões de oração hebraicas são semelhantes às contemporâneas expressões religiosas egípcias ou babilônicas, é, todavia, tipicamente bíblico este carácter dialogal no qual Deus desce para falar com o ser humano. No Antigo Testamento dá-se este diálogo com Deus, primeiro como oração individual, para depois se tornar a oração de todo o povo. Jesus Cristo é o diálogo personificado com o Pai. É Ele quem nos envia o seu Espírito que clama «Abbá, Pai» (*Gal* 4, 6). Graças ao Espírito, somos inseridos nesta oração do Filho e também nós dizemos «Abbá».

Mas Deus não Se ofende quando O invocamos, angustiados por alguma necessidade?

A mãe não se sente ofendida pela criança que sabe pedir com confiança. O Evangelho ensina-nos que devemos ter uma

atitude semelhante para com o Pai do Céu: «Pedi e ser-vos-á dado (...). Se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está no Céu dará coisas boas àqueles que lhas pedirem» (Mt 7, 7.11).

Na liturgia há muitas exortações como: «Agradecei ao Senhor! Louvai a Deus!». Parece tratar-se de orações melhores do que aquelas nas quais pedimos algo...

O menino que recebe muitas coisas dos pais aprende também a agradecer-lhes os dons recebidos. No Antigo Testamento há imensas súplicas, mas há também muitos hinos de ação de graças. Estas ações de graças têm um carácter especial. De facto, a língua hebraica não tinha uma expressão correspondente ao nosso «obrigado»; por isso, agradecia ao doador louvando-o, bendizendo-o, exaltando a sua grandeza: «Bendito és Tu, Senhor...», «Deus seja louvado...», «A minha alma glorifica o Senhor...».

A necessidade da oração

Em seguida, acrescenta-se: «... porque nos livrou das mãos dos nossos inimigos», «... porque nos ofereceu esta terra», «... porque, não obstante os nossos pecados, não nos repudiou»...

A principal oração cristã é a «oração eucarística». Por que tem este nome?

Eucaristia, em grego, significa «ação de graças». O propósito da liturgia é, de facto, o de agradecer a Deus por tantos benefícios recebidos. E este é também o seu conteúdo principal: a liturgia é a grande memória do que Deus fez por nós, dos seus dons. Quando os recordamos, a nossa confiança para pedir novos dons cresce. Por isso, os santos aconselham a seguir também este procedimento na nossa oração pessoal: antes de mais, agradecer a Deus por tudo aquilo que nos deu, e pedir depois o que desejamos. Assim se aprende também a integrar a nossa relação com Deus numa história, na história da salvação.

Deus atende mesmo as nossas orações?

Quem reza não duvida. Todas as religiões pressupõem uma espécie de paternidade divina, a possibilidade de entrar em diálogo com os seres celestes. Mas esta possibilidade torna-se um problema para quem começa a pensar de um modo filosófico ou científico. A perfeição de Deus exige a sua eternidade e imutabilidade. E se Deus é eterno e imutável, como poderia comover-Se ou ceder às nossas súplicas? Se o mundo é um cosmos ordenado, regulado por leis físicas, porque deveriam estas leis ser destruídas através de milagres?

Tal dificuldade foi apontada, já no tempo de Cristo, quer pelos filósofos helenistas, quer pelo grande pensador judeu, Filão de Alexandria. E também Orígenes se sentiu obrigado a responder a esta dificuldade no início do seu escrito *Sobre a Oração*. Para resolver tal dificuldade, Orígenes recorreu à presciência divina: desde toda eternidade, Deus

A necessidade da oração

conhece, quer as nossas necessidades, quer as nossas orações; por isso, num só instante da Criação está já contida a resposta aos nossos pedidos.

Mas, então, as nossas orações são ilusórias: porquê pedir, se tudo está já determinado desde toda a eternidade?

A esta questão, Orígenes responde com um exemplo que oferece, no entanto, uma explicação profunda. Está determinado desde toda a eternidade que um certo homem deva nascer; contudo, são os pais a causa do seu nascimento. Do mesmo modo se pode dizer que as nossas orações são como o pai e a mãe dos acontecimentos, do curso da vida.

Talvez não nos dêmos conta da maravilha de poder pedir a Deus e sermos atendidos...

De facto, é uma colaboração com a criação do mundo e com o seu destino. Por este motivo, os santos rezavam muito, por si próprios e por todo o mundo.

ÍNDICE

A necessidade da oração	9
O que podemos pedir a Deus	21
A quem se dirige a oração	29
Rezar no espírito ou também no corpo?	37
A oração vocal	43
A oração litúrgica	49
A oração reflexiva ou meditativa	55
A contemplação	61
A oração incessante	71
A oração do coração	75
<i>Posfácio à Edição Portuguesa</i>	85